



SURDEZ: A UNIVERSIDADE FORA DO ALCANCE DAS MÃOS

Josiane Coelho da Costa¹

josianecoelho costa@gmail.com

Heridan de Jesus Guterres²

hguterres@hotmail.com

Alexandre Moura Lima Neto³

alexandrenetoadv@hotmail.com

RESUMO: No Brasil, muitos são os entraves que impossibilitam o acesso da maioria dos estudantes com mais de 22 anos de ingressarem no Ensino Superior, principalmente quando tais sujeitos fazem parte de uma minoria linguística, como é o caso dos surdos, que em decorrência de diferentes fatores, entre estes o domínio da Língua Portuguesa fazem crescer todos os anos, o contingente de excluídos socialmente. Assim sendo, a percepção dos sujeitos surdos acerca do próprio acesso do Ensino Superior é discutido neste trabalho que objetiva elencar quais os entraves principais que impedem o acesso dessa minoria, que historicamente vem sendo cerceado do direito à educação. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de campo, que a partir de estudos como os de Vygotsky (1991) discute-se o tema. Como resultado observou-se que a maior dificuldade dos surdos passarem no vestibular é a falta de condições adequadas ao seu desenvolvimento acadêmico e intelectual e um conhecimento mais amplo da Língua Portuguesa na modalidade escrita.

PALAVRAS-CHAVES: Vestibular. Minoria linguística. Ensino superior.

ABSTRACT: In Brazil, many obstacles impede the access of the majority of the students with more than 22 years of entering Higher Education, especially when these subjects are part of a linguistic minority, as is the case of the deaf, that as a result of different factors, among these the domain of the Portuguese Language grow every year, the contingent of socially excluded. Thus, the deaf individuals' perception about the access of higher education is discussed in this paper, which aims to identify the main obstacles that prevent access to this minority, which has historically been curtailed by the right to education. It is a bibliographical and field research, that from studies such as those of Vygotsky (1991) the subject is discussed. As a result, it was observed that the greatest difficulty for the deaf to pass in the vestibular is the lack of adequate conditions for their academic and intellectual development and a broader knowledge of the Portuguese language in the written modality.

KEYWORDS: Vestibular. Linguistic minority. Higher education.

¹ Graduanda do curso de Letras-Libras na Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Membro do Grupo de Pesquisa Linguagens, Culturas e Identidade (CNPq/UFMA). E-mail: josianecoelho costa@gmail.com.

² Doutora em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Mestre em Saúde e Ambiente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Professora do curso de Letras-Libras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: hguterres@hotmail.com.

³ Graduado em Pedagogia pela Faculdade Latino Americana de Educação, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade, PGCULT/UFMA; professor orientador da Pós-Graduação em Gestão Educacional (UEMA). E-mail: alexandrenetoadv@hotmail.com.



1. INTRODUÇÃO

Por séculos, desenvolveu-se a crença que o surdo não era educável e não raciocinava. O filósofo Aristóteles na idade antiga, afirmou que por não possuírem audição, não tinham pensamento, linguagem, e conseqüentemente, não eram humanos, segundo pontua Honora (2014). Muitos anos de sofrimento, lutas e representativas conquistas dos surdos foram registrados ao longo da história. Entre os vários acontecimentos de épocas em que eram desprezados, mortos e escravizados, é possível perceber que a surdez era um quesito preponderante para não estarem integrados à sociedade, principalmente em âmbitos educacionais. Ainda hoje é possível perceber que alguns problemas permanecem, mesmo que de forma menos agressiva.

A lei 10.436, de 24 de abril de 2002 em seu Art. 22 incisos I e II garantem que instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devam assegurar a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de: escolas e classes de educação bilíngue, abertas aos alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental. Porém, essa inclusão educacional do surdo ainda é alarmantemente pequena. O interesse da temática parte da importância que esse estudo tem para possamos elencar quais os entraves principais que impedem o acesso dessa minoria no Ensino Superior.

Na Universidade federal do Maranhão (UFMA) temos o primeiro registro de um discente surdo somente no ano de 2013, no curso de ciências contábeis. Com o início do curso de Letras-Libras nas universidades brasileiras, em 2006 e, no estado do Maranhão, em 2015, estimava-se que pudesse haver uma representatividade maior, visto que, o ingresso se dá por meio do método de vestibular tradicional, com aplicação de provas objetivas, nas quais 30 questões são especificamente de Libras, porém a realidade é bem diferente, dentro da universidade Federal do Maranhão, temos hoje⁴ apenas quatro surdos no curso de Letras- Libras, são poucos os que conseguem passar pelo vestibular. Desde seu início na UFMA, somente o ano de 2017 tivemos a presença de surdos no curso Letras-Libras, que com muito esforço conseguiram ingressar. Calcula-se hoje no campus

⁴ O ano referido trata-se da data do presente artigo (2017).



apenas 8 alunos surdos distribuídos pelo curso de design, odontologia, farmácia, contabilidade e Letras.

A questão chamou atenção para que pudéssemos entender os principais entraves que impossibilitam a entrada dos surdos na universidade, se fazendo assim relevante o estudo sobre a temática, para que possamos não sanar, mas contribuir de forma significativa a esta problemática. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, ainda em andamento, sendo realizada a partir de levantamento de material que verse sobre a educação de surdos, a fim de aprofundar o conhecimento sobre implicações educacionais, especialmente a partir dos pressupostos de L.Vigotsky. A inclusão educacional de surdos discutida no trabalho ora apresentado tem como premissa os pressupostos de Márcia Honora, Carlos Skliar e Heloísa Salles. Realizou-se ainda uma pesquisa de campo, através de entrevista individual, semiestruturada com surdos da ASMA (Associação dos Surdos do Maranhão) da cidade de São Luís (MA), no período de 27 de setembro de 2017, com a presença de um intérprete de Libras que possibilitou a coleta de informações a partir da intermediação, proporcionando assim, uma melhor compreensão do tema proposto.

2. BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

A educação de surdos é marcada por diferentes fatos, ocorridos ao longo da história da educação, que são contados a partir de diferentes concepções, como o historicismo, história escrita a partir da visão de quem detém o poder; história cultural, com poucos registros, que refletem o olhar de diferentes culturas, onde se insere o povo surdo. Os primeiros relatos sobre a educação dos surdos constam do século XII. Nesta acepção, os surdos não eram considerados humanos, não tendo direitos a heranças, bem como de participarem de grupos e espaços sociais, ou seja, eram cerceados de diferentes



formas. Na idade antiga Aristóteles acreditava que a audição era o sentido mais importante para o sucesso da escolarização, conforme preconiza Honora (2014, p. 49):

O primeiro registro que temos na história da educação dos surdos está datada do século XII, e refere-se a uma concepção dos gregos e romanos de que os surdos não eram humanos, devido a sua falta de fala. Em consequência disso, acreditava-se que os surdos não tinham pensamento. Nesta época, os surdos eram privados de ter direito à escolarização.

Desse modo, os surdos eram impedidos de receber instruções educacionais. Mais tarde no século XVI, idade moderna, o médico Gerolamo Cardano através de suas pesquisas, descobriu que a escrita era a representação da fala e a surdez não era motivo de impedir que os surdos fossem educados, desse modo, afirmou a capacidade intelectual dos surdos, e a partir disso, muitos processos educacionais foram iniciados. Entre estudiosos que defendiam a oralização e outros a língua de sinais travou-se uma árdua luta pela educação dos sujeitos surdos ao longo da história.

A primeira instituição educacional para surdos foi criada pelo abade francês L'Epee, que defendia a língua de sinais, o Instituto Nacional para Surdos-Mudos, (termo que na época era usado, hoje usamos apenas surdo) em 1760. E assim outros lugares do mundo montaram suas escolas voltadas para educação de surdos. No Brasil teve início com a vinda da família real. Dom Pedro convidou então o professor francês Harnest Huet para fundar o Instituto de Surdos Mudos do Rio de Janeiro, que atualmente é chamado de INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos) conforme relata Honora (2014).

Contudo, ainda hoje no Brasil, nota-se uma ineficiência muito grande no processo de educação do surdo, as leis de oficialização da Libras, e todos os direitos assegurados pela legislação ainda são muito novos e frágeis, para Salles (2004) se faz essencial um diagnóstico das necessidades educacionais do aluno com surdez, é necessário desenvolver um amplo intercâmbio de informações e experiências entre profissionais e interessados na questão. Nessa perspectiva entende-se que os surdos são capazes de alcançar os mesmos níveis de escolaridade de um ouvinte, desde que tenham condições adequadas.



Vigotsky (1991, p.61) faz uma relação entre aprendizado e desenvolvimento, na qual define aprendizado enquanto um processo puramente externo, relativo ao desenvolvimento dos sujeitos, a partir de suas funções psicológicas:

Entretanto o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos de desenvolvimento que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humana.

Sugere então, que para desenvolvimento educacional dos surdos é necessária uma organização estruturada, visto que, os alunos com surdez chegam à escola com um conhecimento linguístico muito reduzido em comparação aos alunos ouvintes. Tal fato pode ser atribuído a precariedade do sistema educacional, a falta de metodologia, escassez de recursos oferecidos, fatores que reduzem as chances do desenvolvimento desse sujeito para entrada no Ensino Superior.

O meio no qual estão inseridos, os pares sociais, a metodologia disponibilizada pelas políticas públicas influenciam para uma melhor assimilação dos conteúdos. Torna-se essencial salientar que na educação de surdos tanto pais como professores trabalhem de forma consciente no processo de desenvolvimento mental e escolarização. O teórico assevera ainda que:

[...] o conhecimento estava na interação do meio como objeto de aprendizagem, refletindo sua compreensão, de que tanto as utilizações de recursos materiais ou psicológicos, como também a presença de agentes mediadores na figura do mais experiente, representam uma proposta pedagógica que parte do pressuposto de que o indivíduo constrói o conhecimento na sua interação com o meio, no entanto, essa relação é permeada por um contato com o outro, tendo aqui a clareza de que esse outro desempenhará um papel de extrema relevância no processo de aprendizagem (p. 17).



Nessa acepção, o meio passa a exercer um papel fundamental na aprendizagem, mas, esta é construída de forma coletiva, por meio da interação entre os sujeitos e os diferentes espaços onde estes estão inseridos, o que faz com que o conhecimento seja construído em uma perspectiva que vise ao desenvolvimento dos sujeitos.

2.1 ALGUMAS REFLEXÕES ACERCA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Com base no percurso histórico da educação de surdos, no qual os grupos formados por surdos passaram e passam por inúmeras negações em relação a seu direito à educação, com insipiência de políticas públicas voltadas para o segmento, especialmente no tocante aos direitos linguísticos da comunidade surda, pode-se afirmar que a educação de surdos não conseguiu resultados satisfatórios que os fizessem progredir academicamente; existe uma necessidade de definir um conjunto de variáveis que possa intervir na construção de projetos educacionais.

De acordo com Skliar (2016) a falta de compreensão e de produção da língua oral, o analfabetismo massivo, a mínima proporção de surdos que tem acesso ao Ensino Superior e a falta de qualificação profissional para o trabalho são motivos impróprios para justificação em relação a ineficiência da educação do surdo. Atribui-se essa deficiência educacional os dons biológicos, professores, limitações dos métodos de ensino, mas evita-se uma denúncia acerca da instituição-escola, políticas educacionais e responsabilidade do estado.

O que fracassou na educação dos surdos foram as representações ouvintistas acerca do que é o sujeito surdo, quais são os seus direitos linguísticos e de cidadania, quais são as teorias de aprendizagem que refletem condições cognitivas dos surdos, quais as epistemologias do professor ouvinte na sua aproximação com os alunos surdos, quais são os mecanismos de participação das comunidades surdas no processo educativo, etc. SKLIAR (2016, P.18-19).

As proposições de Skliar (2016) e Salles (2004) acentuam a necessidade de projetos mais direcionados para educação de surdos, de qualificação profissional, sobretudo, que os principais interessados na questão estejam engajados.

3. DISCUSSÃO E RESULTADO DOS DADOS DA PESQUISA

A fim de analisar a problemática, realizou-se uma pesquisa de campo em São Luís, Maranhão com três surdos da ASMA (Associação dos Surdos do Maranhão), que tiveram diversas tentativas frustradas de entrar no Ensino Superior. Através de uma entrevista individual, semiestruturada junto a um intérprete que possibilitou a comunicação e entendimento aos entrevistados, foi perguntado se a escola de educação básica supriu todas as necessidades e se o que foi aprendido, fora suficiente para fazer uma prova de vestibular. Com vistas a preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa, optamos por usar somente as iniciais de seus nomes.

Bom eu estudei história, ciências, mas eu sentia que era muito ‘pesado’, as disciplinas, o conteúdo” (J., 32 anos -nome fictício, pois o entrevistado não permitiu uso do nome real para divulgação-).

Sim, consegui aprender as disciplinas, mas o mais difícil é o português, é muito ruim, questão de língua, letras é muito ‘pesado’. Mesmo com a presença de intérprete se torna muito difícil. Essa questão de conjugação de verbo, é muito difícil pra gente que é surdo. Para os ouvintes que tem contato é bem mais prático, mas pra nós é bem difícil essa questão de bloqueio de comunicação que há do português (H., 32 anos).

Eu consegui aprender as disciplinas, mas eu tenho muita dificuldade em português, essa questão da literatura é muito difícil, eu não consegui aprender tudo por causa da minha limitação. Eu consegui aprender advérbio, mas eu não consigo usa-los, é como se eu estagnasse (RB, 30 anos)

Observou-se a partir desse primeiro questionamento que existe uma grande dificuldade na assimilação dos conteúdos trabalhados pelas escolas, tendo em vista, que tais sujeitos são pertencentes a uma minoria linguística, necessitando de especificidades

nos métodos educacionais, especificidade metodológica esta que fazem parte da educação de surdos no estado do Maranhão, de modo pouco eficiente. As escolas que ofertam ensino para surdos, vêm se mostrando pouco eficazes, no tocante ao processo de ensino e de aprendizagem de surdos. A maioria dos surdos vai, ao longo de sua vida escolar, sendo promovido sem que tenham a possibilidade real de aprender os conteúdos básicos necessários para a continuidade de estudos e inserção social, o que ocorre principalmente em relação à aquisição da Língua Portuguesa, na modalidade escrita.

Um dos entrevistados destaca ainda a dificuldade de aplicação dos conteúdos, mencionando a dificuldade de usar os advérbios em seu cotidiano. Perguntou-se ainda quantas vezes tentaram ingressar, prestando o vestibular e qual a maior dificuldade nas provas. Os entrevistados responderam:

Primeiro eu fiz Enem, depois eu fiz Letras-Libras, tentei duas vezes. Eu tenho muita dificuldade de entender os textos, entendo pouca coisa. Eu não consigo assimilar. Algumas palavras eu não conheço, significados... e por causa disso eu acabo tendo deficiência na leitura (J., 32 anos - nome fictício, pois o entrevistado não permitiu uso do nome real para divulgação).

Enem eu nunca fiz, mas tentei Letras-Libras uma vez. Dificuldade no texto escrito. Eu gostei muito de matemática, física, eu só não gostei de português, por causa das palavras, a gente não consegue entender e é um pouco complicado. Os ouvintes conseguem entender com facilidade, né? mas para os surdos é mais difícil, é bem 'pesado'. Eu conheço sim o português, mas eu não tenho um conhecimento iguala ao dos ouvintes para conseguir aprender de igual modo (H., 32 anos)

Eu fiz duas vezes o Enem para pedagogia, eu abri o caderno de provas e não consegui compreender as palavras, então eu chamava a intérprete, pedia explicação e assim mesmo eu não conseguia estabelecer sentido, e aí eu acabei perdendo porque eu não consegui responder corretamente a prova (RB, 30 anos)

Verifica-se que o ingresso ao ensino superior via Enem ou por meio do vestibular tradicional é uma realidade fora do alcance da comunidade surda, dado ao número de ingressantes. Foi possível inferir a necessidade de um acompanhamento mais intenso no ensino de português para o surdo, ainda que haja um intérprete no momento dos seletivos, as palavras ainda soam muito estranhas, um léxico muito limitado. Para Moreira e

Fernandes (2008, p. 5) faz-se necessária a consecução de um projeto de educação que leve em conta, no âmbito de sua proposta curricular, o legado histórico e cultural desse segmento populacional, assim como o trabalho com tecnologias, com foco em recursos audiovisuais, assim como “ [...] formação de professores edificadas em concepções sócio–antropológicas, maior participação da comunidade surda na gestão dessa educação, entre outros aspectos”.

A despeito disso, o que é disponibilizado ao Sujeito Surdo é uma presença em sala de aula com alunos ouvintes, para que assim cumpra-se o que diz a lei, mas que na prática não acontece essa tal inclusão fixada na legislação, um intérprete-tradutor de Libras para fazer a mediação linguística e uma aula sem metodologias específicas para essa minoria linguística, segundo afirmam os entrevistados.

Ainda no que tange as dificuldades na hora de responder as provas foi perguntado a que atribuem o fato de não conseguirem passar pelo vestibular:

Eu penso que o vestibular do Letras-libras é muito difícil, o Enem também, os dois estão aí numa mesma escala de dificuldade (J., 32 anos -nome fictício, pois o entrevistado não permitiu uso do nome real para divulgação-).

Bom, eu penso que a questão do intérprete de Libras, é certo que eles não podem dar a resposta, mas quando a gente pedia uma explicação de alguma palavra, eles interpretavam uma vez e não repetiam quando a gente não entendia mais. Eu quase consegui a pontuação necessária pra passar, eu quase consegui (H, 32 anos).

A maior dificuldade é o português (RB, 30 anos).

Diante o exposto, verifica-se que o Português na modalidade escrita tem sido citado com um dos principais entraves para ingresso destes sujeitos na Universidade. Por serem usuários de uma língua em modalidade visual-espacial, torna-se muito mais complexo a aprendizagem do Português, pois trata-se de uma língua em modalidade oral-auditiva na qual não mantém contato.

Vygotsky (1991), apresenta uma abordagem sociointeracionista, segundo a qual o desenvolvimento humano se dá nas relações de trocas entre parceiros sociais, através

de processos de interação e mediação. Nesse sentido foi perguntado como se deu a preparação para estudarem para o vestibular e relataram o seguinte:

Minha prima me ajudou com as matérias, a escrita, ela me ensinou algumas palavras e eu comecei a aprender a fazer redação, a escrever melhor (J., 32 anos -nome fictício, pois o entrevistado não permitiu uso do nome real para divulgação-).

Não estudei. Só fiz ensino médio e fui trabalhar. Eu não tinha ajuda de intérprete, eu não conseguia estudar os textos, eu não conseguia estudar sozinho (H., 32 anos).

Ninguém me ajudou, eu fiz tudo sozinho. Eu só contei com a sorte mesmo (RB, 30 anos)

Nesse ponto colocado em questão, é reforçado o fato da precariedade no ensino, assim como o déficit nos conteúdos estudados na escola básica, a ineficiência de metodologias que pudessem fazer o surdo aprender a Língua Portuguesa de uma forma mais ampla, a falta de planejamento para acolher essa minoria linguística. Na fala dos entrevistados nota-se que a família é um refúgio na tentativa de buscar uma aprovação, enquanto para outros a realidade é triste, apenas contar com a sorte. Os resultados sugerem que existe um limite na escolarização dos surdos: fazer apenas com que cheguem até o Ensino Médio, uma espécie de cumprimento daquilo que está no papel e na legislação.

Nessa perspectiva foi perguntado se sentiam falta de um programa de governo, ou projeto educacional para um ensino melhor e mais direcionado para os surdos enquanto usuários do português como L2 (Segunda Língua) e se seria uma solução para que pudessem ingressar no Ensino superior. Os entrevistados responderam:

Penso que o governo poderia nos ajudar. É bom ter um programa focado só para o ensino de surdos. Eu tenho muito desejo de entrar, mas nunca consegui. Se houvesse um projeto eu conseguiria, a gente precisa dessa ajuda focada só pra surdo (J., 32 anos -nome fictício, pois o entrevistado não permitiu uso do nome real para divulgação-).

[...] seria muito bom para que o surdo consiga se desenvolver, seria uma forma de incentivo. A gente não conhece algumas palavras, é muito difícil e a gente precisa desse incentivo da parte do governo. Se tivesse



eu acho que consigo sim, precisamos do acompanhamento do português na modalidade escrita. (H., 32 anos).

Claro, sim. Alguns professores não têm metodologia e não conseguem nos ensinar, aí a gente tem esse déficit no aprendizado. Nós conseguiríamos nos desenvolver. Se tivesse um professor com metodologia pra me ensinar, com certeza eu passaria no vestibular, mas os professores não tem metodologias no ensino regular, por isso não consegui aprender, assimilar o conteúdo (RB, 30 anos).

Diante do exposto observou-se a vontade de participarem de um programa, de um projeto educacional, que os possibilitem entrar na universidade. Segundo Moreira e Fernandes (2008, p. 2), existe uma dicotomia entre a negação dos direitos linguísticos dos surdos e a abertura, no tocante à entrada de surdos no ensino superior, haja vista a existência de certo “[...] antagonismo nos posicionamentos adotados, em que se toma as políticas de ação afirmativas adotadas ora como privilégios, ora como reparação de uma dívida histórica que excluiu sumariamente os surdos do ensino superior”. Segundo os entrevistados, é necessário que sejam adotadas metodologias voltadas para suas especificidades; estes destacam a importância de um acompanhamento no processo educacional, o que não é uma realidade nas escolas de educação básica e, tampouco no ensino superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A oficialização da Libras foi um grande passo para a comunidade surda brasileira, mas educadores e formuladores de políticas educacionais devem descobrir o seu papel nesse cenário e promover uma educação sustentada, organizada e eficiente para o surdo.

Em resumo, uma das principais características observada na pesquisa foi a falta de conhecimento da Língua Portuguesa na modalidade escrita, que conseqüentemente afeta o acesso à universidade.



Observa-se uma má estruturação educacional e falta de políticas públicas que possam acolher o surdo. Recomenda-se mais projetos para acompanhamento do processo de ensino-aprendizagem, com escolas que realmente sejam inclusivas, com salas de recursos e outros materiais e métodos que, de fato, possibilitem o aprendizado de surdos.

Ainda que existam as chamadas escolas inclusivas, estas não são suficientes e tampouco atendem à demanda e necessidade educacional dos surdos. No tocante ao ingresso a uma universidade, é importante pontuar a vontade explícita dos surdos maranhenses de fazerem parte do ensino superior, especialmente do curso de Letras-Libras, que grande significado tem para suas vidas, mas que continua a ser uma realidade um tanto quanto distante, em razão de um lado se ter a oferta, mas de outro, existirem barreiras que impedem os sujeitos surdos de ingressarem no ensino superior.

REFERÊNCIAS:

HONORA, Márcia: **inclusão educacional de alunos com surdez**: concepção e alfabetização. São Paulo: Cortez, 2014.

MOREIRA, Laura Ceretta; FERNANDES, Sueli. **“Ingresso e Permanência dos Estudantes Surdos nas IES”**: Trajetória do Estudante Surdo. I SIES, Londrina – PR, 2008.

OLIVEIRA, M. K. Vygotsky: **aprendizado e desenvolvimento**: um desenvolvimento sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 1997.

SALLES, Heloisa Maria Moreira: **ensino de Língua Portuguesa para surdos**: caminhos para a prática pedagógica. Brasília: MEC, SEESP, 2004.

SKLIAR, Carlos: **a surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto alegre: Mediação, 2016.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Recebido Para Publicação em 30 de junho de 2018.

Aprovado Para Publicação em 30 de agosto de 2018.